

AGROECOLOGIA ENTRE O POVO INDÍGENA XERENTE

Gabriela Martins Macedo¹, Wildes Souza Andrade²

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Letras- Português – IFTO. Bolsista do Programa de Iniciação Científica. e-mail: <gabriela.macedo@estudante.ifto.edu.br>

²3 Professor EBTT. IFTO - Campus Palmas. e-mail: <rossini.cruz@ifto.edu.br>

Resumo: O objetivo deste projeto de pesquisa é compreender a agricultura com base na noção de agroecologia entre o povo indígena Xerente. Para isso, buscaremos identificar as publicações que retratam saberes, iniciativas, projetos e práticas agroecológicas envolvendo esse povo indígena. Um dos principais pilares da agroecologia é o conhecimento tradicional e empírico dos agricultores, dos povos indígenas, quilombolas e camponeses. Portanto, essa disciplina é uma das responsáveis em promover o diálogo entre esses atores sociais e o conhecimento científico nas universidades, centros de pesquisas e institutos de educação e tecnologia. Os materiais encontrados apontam que as atividades inspiradas na noção de agroecologia entre os Xerente têm procurado uma revalorização da sua identidade, visto que as intensas transformações sociais e políticas ao seu redor provocaram algumas mudanças na sua agricultura tradicional, impactando diretamente na cultura do povo Xerente. Contudo, através de métodos de resistência, asseguram a conservação de sua identidade cultural e linguística até hoje. Além de ampliar os conhecimentos sobre pensamento e práticas agroecológicas em relação aos povos indígenas. Esta proposta se insere, diante de sua característica essencial e transversal, no âmbito dos projetos de pesquisa básica, humanidades e ciências sociais, contribuindo para o desenvolvimento da Área de Tecnologia Prioritária de Desenvolvimento Sustentável.

Palavras-chave: Agroecologia, Xerente, Indígenas.

1 INTRODUÇÃO

A Agroecologia é uma ciência em construção que se opõe às práticas destrutivas e violentas da agricultura capitalista e promove possibilidades sustentáveis para a agricultura, cuidando da saúde, preservando o meio ambiente e construindo relações justas entre as pessoas. Possui aspectos que relacionam as várias ciências com conhecimentos tradicionais, valorizando assim, as práticas de diversos povos, comunidades e ancestrais.

A cultura e filosofia dos povos indígenas contribui de variadas formas em relação a agrobiodiversidade e agroecologia, posto que, a agricultura indígena envolve não só respeito pelo meio ambiente, mas também o respeito pelo ser humano de forma coletiva. Para eles, é essencial preservar o meio ambiente para qualidade de vida das gerações futuras, o que também é uma das diretrizes da agroecologia. Para Norder (2019, p. 295) as práticas agrícolas desenvolvidas pelos indígenas são parte de suas tradições, espiritualidade e religiosidade, demonstram “a relação de respeito com a natureza e evidenciam a importância do conhecimento indígena para a construção da Agroecologia”.

Nas terras indígenas, as práticas agroecológicas estão sendo relacionadas ao restabelecimento de áreas degradadas, à realização de sistemas agroflorestais e ao extrativismo sustentável. Contudo, a

interferência da agricultura convencional, em virtude da aproximação dos povos indígenas com os não índios, infelizmente causou resignação de algumas práticas agrícolas tradicionais.

A agroecologia considera essencial a inclusão da perspectiva dos povos indígenas no conceito estatal brasileiro de conservação, investindo no reconhecimento de sua identidade, na valorização de seu saber, na melhoria de suas condições de vida e na garantia de sua participação na construção de uma política de conservação, da qual também sejam beneficiários.

O povo Xerente, autodenominado Akwe, são habitantes do estado do Tocantins e fazem parte do ramo central das sociedades de língua Jê, juntamente com os Xavante do Mato Grosso e os Xacriabá de Minas Gerais. O nome Xerente foi concedido por não-índios, para melhor diferenciação dos outros Akwe. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Censo de 2010, a população Xerente é de 3.152 indígenas e conforme o censo feito pela Fundação Nacional da Saúde - Funasa também no ano de 2010, são distribuídos em 31 aldeias.

A agricultura, a caça e a pesca sempre tiveram um papel importante para cultura Xerente, no entanto, o crescimento das cidades e fazendas nos limites da reserva, a formação do lago da UHE Luis Eduardo Magalhães e a invasão do território por caçadores ilegais, causaram uma intensa diminuição dos peixes e dos animais, fazendo com que a pesca e a caça não fossem mais atividades tão frequentes como eram inicialmente. Dessa forma a agricultura tornou-se o principal meio de subsistência da população Xerente.

Apesar dos mais de 250 anos de contato com os não-indígenas, que foram marcados por momentos de tensão, conflitos e intensas transformações sociais e políticas ao seu redor, os Xerente chamam atenção, pelos métodos de resistência que asseguraram a conservação de sua identidade cultural e linguística até hoje.

2. OBJETIVOS

Compreender a agricultura com base na noção de agroecologia entre os povos indígenas Xerente. Para isso, buscamos identificar as publicações que retratam saberes, iniciativas, projetos e práticas agroecológicas envolvendo os Xerente.

3. JUSTIFICATIVA

A agricultura industrial, predominante no Brasil, não desempenhou seu objetivo de melhorar a vida das pessoas no campo. Pelo contrário, tem colocado à margem um grande contingente populacional, que passou a viver o drama do êxodo rural e a resistir na pobreza das periferias

metropolitanas e com as consequências da degradação ambiental e desequilíbrios ecológicos (JESUS, 2005). Essa é a razão pela qual a agroecologia, como um novo paradigma agrícola é necessário e vem se fortalecendo e ganhando novos adeptos. Como a agricultura industrial moderna não consegue resolver os complexos transtornos ocasionadas por ela própria, necessita-se aprofundar em um modelo mais sustentável, com pilares nas sociedades tradicionais, como o caso dos povos Xerente.

Esta proposta de pesquisa de cunho bibliográfico, se justifica, pois, é uma primeira aproximação do tema povos indígenas e agroecologia no Tocantins. Com foco ampliado, procuraremos encontrar iniciativas entre as comunidades Xerente presentes no estado do Tocantins, por meio da investigação bibliográfica e documental.

4. METODOLOGIA

Quanto à natureza da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, apoiada no que postula Triviños (1987) ao afirmar que tal perspectiva busca o significado dos dados através da percepção do fenômeno dentro do seu contexto. Na abordagem de cunho qualitativo, o foco não está no produto ou nas quantidades, a intenção é capturar a essência do significado que as pessoas atribuem ao fenômeno e verificar como ele se manifesta.

Este projeto de pesquisa tem um caráter fundamentalmente bibliográfico e documental - acerca de programas e iniciativas agroecológicas, através da investigação no levantamento bibliográfico previamente classificada em: a) a discussão teórica sobre agroecologia, b) as etnologias sobre o povo Xerente - em especial os temas sobre agricultura e meio ambiente; c) o debate sobre a relação entre agroecologia e povos tradicionais.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa seção apresenta os resultados da investigação que visa identificar as publicações que descrevem saberes, iniciativas, projetos e práticas agroecológicas envolvendo povo indígena Xerente. E procura analisar e discutir as temáticas que mais destacam nas publicações encontradas, objetivando compreender a agricultura com base na noção de agroecologia entre o povo indígena Xerente.

De acordo com a antropóloga Marcela Stockler Coelho Souza (2002) o cultivo da terra pelos Xerente, assim como as outras sociedades Jê, era originalmente caracterizado por estratégias de gerenciamento dos recursos baseadas em um sistema de agricultura itinerante que permitia, ao mesmo tempo, a rotatividade e a regeneração das áreas cultivadas. Assim, a demarcação das terras aliado ao

aumento de sua população dificulta esse sistema de uso do solo. Atualmente as roças Xerente podem ser de três tipos: coletiva, familiar e de vazante. Cultivando principalmente arroz, mandioca, milho, batata doce, abóbora e feijão.

Existem as roças coletivas que envolvem o trabalho e servem à toda comunidade. Essas roças coletivas eram geralmente plantadas para atender as demandas dos rituais festivos. A roça familiar pode ser levantada tanto em lugares afastados da aldeia quanto nas suas proximidades. Como o próprio nome já evidencia, o trabalho e os produtos desse tipo de roça envolvem apenas uma unidade familiar. As roças de vazante, por sua vez, são caracterizadas pela boa produtividade que se deve ao local onde são feitas: faz-se uso de terrenos que ficam submersos durante o período de cheia de rios ou córregos. Na época da vazante, esses terrenos emergem fertilizados pelo depósito de matéria orgânica originado a partir de sua inundação e são divididos entre as famílias para o plantio de suas roças. (MELO,2010 p. 48)

Devido ao clima predominante da região do cerrado ser tropical sazonal, caracterizado por invernos secos e verões chuvosos, o cultivo da terra é feito no período chuvoso, principalmente no mês de novembro, enquanto nos meses de abril e maio, durante a estação seca, é realizada a colheita dos itens cultivados. Melo (2010) ressalta que nesse período também se observa uma intensificação das atividades culturais, devido a coleta das principais matérias-primas utilizadas na confecção do artesanato e os baixos índices pluviométricos favorecendo a realização das festas.

Rocha et al (2016) destacam que outros fatores que podem estar ocasionando mudanças na prática alimentar do povo Akwẽ são as intensas queimadas e o impacto da construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães. Além disso, os autores também explicam que a aproximação com a sociedade não indígena e o acesso a políticas públicas assistencialistas que não consideram as práticas tradicionais contribuem para a modificação da alimentação e agricultura tradicional desse povo.

A construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães atingiu profundamente o modo de vida da população Xerente e provocou impactos socioambientais significativos ao regular o regime de cheias do rio e prejudicar o plantio e cultura em áreas de vazante. O PROCAMBIX – Programa de Compensação Ambiental Xerente, foi desenvolvido com a intenção de indenizar a população Akwẽ, atingida efetivamente pelo barramento para a construção da Usina.

De acordo com Araújo (2016) uma das ações do PROCAMBIX foi a implantação de roça mecanizada, que durou por pouco tempo devido ao alto custo do procedimento e a necessidade de investimento, diferentemente das técnicas tradicionais, como a roça de toco, de vazante e de terreiro. A autora ainda comenta que mesmo que tivessem assistência técnica por mais tempo, esse tipo de agricultura não permearia, visto que tradicionalmente o povo Xerente possui outro conceito quanto ao plantio, plantam para a subsistência.

A respeito dos impactos deste programa Setubal et al (2019) apresentam uma entrevista com um indígena xerente que participou como gerente-executivo e membro do Conselho Gestor no Procambix, o indígena afirmou que a roça mecanizada foi uma proposta muito questionada pelo povo e que mudou drasticamente a cultura da agricultura tradicional:

Para o povo Xerente, a cultura agrícola mesmo é a da roça de toco, mas no Programa de Compensação ela ficou proibida porque o uso do fogo causava prejuízo ao ambiente. A roça de vazante, que era outra categoria de roça realizada culturalmente, não iria mais ocorrer devido à construção da barragem, que não deixaria mais acontecer a enchente na vazante do rio. Então essa prática agrícola xerente foi impactada, desapareceu (SETUBAL et al, 2019 p. 175).

Nesse âmbito, Lima (2016) em sua tese de doutorado também argumentou sobre os impactos socioambientais da construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães para o povo Akwê - Xerente e do PROCAMBIX, segundo a autora com a conclusão do projeto e o resultado do diagnóstico etnoambiental, foram implementados anteprojetos com base em vários temas, inclusive agroecologia, no qual alguns dos projetos previstos foram quintais domésticos com árvores frutíferas de inúmeras espécies, aproveitamento dos recursos de extrativismo alimentar e construção de centros de preservação e propagação recursos genéticos.

Silva et al (2020) identificaram uma relação direta entre esses projetos e as mudanças nas formas tradicionais de obter e produzir alimentos entre os Akwê, as consequências foram o aumento do consumo de alimentos processados, relativo abandono das práticas alimentares tradicionais e diminuição do plantio, provocando assim a insegurança alimentar. Os autores inferem que políticas públicas e alguns projetos que utilizam o discurso de promover “desenvolvimento” entre os povos indígenas do estado desconsideram as perspectivas tradicionais, reproduzem práticas colonizadoras e reforçam conflitos já estabelecidos historicamente.

Xerente et al (2018) comenta sobre alguns projetos agroecológicos previstos em benefício do povo Xerente, eles relatam a existência de um relatório que apresenta a proposta de um projeto intitulado “Quintal Agroecológico nas Aldeias Xerente”, que propõe a o cultivo de mudas sem que o meio natural seja desmatado. Entretanto, nenhum documento comprova a livre consulta aos indígenas na elaboração do projeto. Outro projeto analisado foi o “Viveiro de Mudanças” que conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Tocantínia –TO, da EMBRAPA, da FUNAI e do IBAMA, tendo como objetivo o desenvolvimento de atividades para a produção de mudas por meio de tecnologias que busquem o equilíbrio entre o meio ambiente e a agricultura.

Sobre o projeto “Viveiro de Mudanças” Caldas (2017) explica que o Instituto Natureza do Tocantins assinou um Termo de Cooperação Técnica em 2017 para auxiliar os indígenas Xerentes da Aldeia Porteira na construção de um viveiro de mudas nativas e frutíferas, visando a valorização das

comunidades tradicionais. O presidente da Associação Indígena Nrózaw afirmou que o projeto é uma forma de valorizar o meio ambiente, defender a natureza e contribuir para garantir o futuro do povo Xerente.

Outro projeto agroecológico que favorece o povo Xerente é o Intercâmbio de sementes crioulas, as sementes crioulas são cultivadas por povos indígenas, populações tradicionais e agricultores familiares há décadas e são selecionadas anualmente e repassadas para outros. Essa atitude garante a manutenção das variedades e fortalecem a agricultura tradicional, diferentemente das sementes transgênicas ou híbridas, não necessitam do uso de agrotóxicos e fertilizantes (INTERCÂMBIO, 2020).

Na carta do V Encontro Tocantinense de Agroecologia ocorreu em outubro de 2019 em São Miguel do Tocantins (TO), e contou com a participação dos indígenas xerentes foi afirmado a importância da agroecologia dos saberes e práticas tradicionais para os povos indígenas:

afirmamos: A Agroecologia a partir da garantia do acesso à terra através da reforma agrária e da regularização e demarcação dos territórios dos povos indígenas e comunidades tradicionais, para que seja possível a produção de alimentos saudáveis, que garantam a segurança alimentar e nutricional e que respeitem as diversas culturas e o conhecimento popular construído através de uma relação equilibrada entre os seres humanos e a natureza, assim como a conservação da biodiversidade e a defesa dos nossos biomas, da nossa Casa Comum;

A importância dos saberes e práticas tradicionais, das escolas do campo, das sementes crioulas e tradicionais, produtos de origem do coco babaçu, da rica sociobiodiversidade tocantinense, da articulação entre os diversos povos, comunidades e organizações sociais do Tocantins, do Maranhão, do Piauí e do Pará (CARTA, 2019).

Conforme Cotrim (2019) o Governo do Tocantins juntamente com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e Fundação Nacional do Índio (Funai) desenvolveram um projeto de implantação demonstrativa de agroflorestas nas aldeias da Terra Indígena Xerente. Segundo o coordenador regional Araguaia-Tocantins da Funai, tais ações pretendem proporcionar a valorização da agricultura sustentável nas práticas do povo Xerente viabilizando a autossustentação indígena, e a otimização dos recursos naturais.

Veloza (2019) expôs que a Associação Indígena Nrozawi e União Indígena Xerente apresentaram subprojetos de gestão de recursos naturais e fortalecimento cultural do Povo Xerente para Funai e para o Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins). Um dos objetivos dos subprojetos é a conservação de três nascentes de água, com o plantio de espécies do cerrado e a criação do Centro de Fortalecimento da Cultura do Povo Xerente. Para o alcance desses resultados, o presidente da Associação Indígena Nrozawi realçou que é necessário o Termo de Cooperação Técnica entre a Associação a Funai e o Naturatins.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agroecologia considera essencial a inclusão da perspectiva dos povos indígenas no conceito estatal brasileiro de conservação, investindo no reconhecimento de sua identidade, na valorização de seu saber, na melhoria de suas condições de vida e na garantia de sua participação na construção de uma política de conservação, da qual também sejam beneficiários. Através da análise das publicações abordadas é possível compreender que a agricultura, a caça, e a pesca sempre tiveram um papel importante para cultura Xerente. No entanto, o crescimento das cidades e fazendas nos limites da reserva, a formação do lago da UHE Luis Eduardo Magalhães e a invasão do território por caçadores ilegais, causaram uma intensa diminuição dos peixes e dos animais, fazendo com que a pesca e a caça não fossem mais atividades tão frequentes como eram inicialmente. Dessa forma a agricultura tornou-se o principal meio de subsistência da população Xerente.

O cultivo da terra pelos Xerente, assim como as outras sociedades Jê, era originalmente caracterizado por estratégias de gerenciamento dos recursos baseadas em um sistema de agricultura itinerante que permitia, ao mesmo tempo, a rotatividade e a regeneração das áreas cultivadas. Assim, a demarcação das terras aliado ao aumento de sua população dificulta esse sistema de uso do solo. Atualmente as roças Xerente podem ser de três tipos: coletiva, familiar e de vazante. Cultivando principalmente arroz, mandioca, milho, batata doce, abóbora e feijão.

Apesar dos mais de 250 anos de contato com os não-indígenas, que foram marcados por momentos de tensão, conflitos e intensas transformações sociais e políticas ao seu redor, os Xerente chamam atenção, pelos métodos de resistência que asseguraram a conservação de sua identidade cultural e linguística até hoje.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Rosemary Negreiros de. **Os territórios, os modos de vida e as cosmologias dos indígenas Akwê-xerente, e os impactos da UHE de Lajeado**. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CALDAS, Tânia. **Assinado termo de cooperação técnica entre associação indígena Xerente e Naturatins**. Naturatins, 2017. Disponível em: <https://naturatins.to.gov.br/noticia/2017/12/1/assinado-termo-de-cooperacao-tecnica-entre-associacao-indigena-xerente-e-naturatins/>

CARTA do 5 encontro Tocantinense de Agroecologia. Apa-TO, 2019. Disponível em: <http://www.apato.org.br/index.php?s=xerente>. Acesso em: 17 mar. 2021.

COTRIM, Maria José. **Implantação de agroflorestas valoriza agricultura sustentável em aldeias indígenas do Estado**. SEAGRO, 2019. Disponível em: <https://seagro.to.gov.br>

[/noticia/2015/2/5/implantacao-de-agroflorestas-valoriza-agricultura-sustentavel-em-aldeias-indigenas-do-estado/](#). Acesso em: 13 mar. 2021

INTERCAMBIO de sementes crioulas é fonte de esperança da conservação de variedades. Apa-TO, 2020. Disponível em: <http://www.apato.org.br/intercambio-de-sementes-crioulas/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

JESUS, Eli Lino de. **Diferentes abordagens de agricultura não-convencional: história e filosofia**. In: AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de (Editores). Agroecologia: princípios técnicos para uma agricultura e orgânica sustentável. Brasília, DF: Embrapa, 2005.

LIMA, L.G.B. **Os Akwe- Xerente no Tocantins: território indígena e as questões socioambientais**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p.269. 2016.

MELO, Valéria Moreira Coelho. **Diversidade, Meio Ambiente e Educação: uma reflexão a partir da sociedade Xerente**. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2010.

NORDER, Luiz Antônio et al. **Agroecologia em terras indígenas no Brasil: uma revisão bibliográfica**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 291-329, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/88858/55604>

REZENDE, Shara. **Povo indígena Xerente apresenta a força de sua cultura e tradição**. Secretaria da cidadania e justiça, Palmas, 17 de ago. de 2015. Disponível em: <https://cidadaniajustica.to.gov.br/noticia/2015/8/17/povo-indigena-xerente-apresenta-a-fora-de-sua-cultura-e-tradicao/> Acesso em: 18 de jan de 2021.

ROCHA, T. E. S.; SILVA, R. P.; NASCIMENTO, M. M. **Mudanças dos hábitos alimentares entre os Akwen Xerente**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v.50, p. 96-100, jun. 2016.

SETUBAL, S. S.; XERENTE, P. W.; MARQUES, E. E.; ATHAYDE, S. **Gerenciando programas de compensação ambiental de usinas hidrelétricas: Relato de uma experiência indígena no PROCAMBIX**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 165-183, jan./jun. 2019.

SILVA, R. P.; GRÁCIO, H. R. **O Modelo de desenvolvimento do Tocantins e o povo Akwe-Xerente: Impactos socioambientais e desafios da interculturalidade**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v. 13, n. 2, p. 131-144, jul./dez. 2020.

SOUZA, Marcela.S.C. **O Traço e o Círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

VELOZO, Cleide. **Naturatins discute gestão de recursos naturais e fortalecimento cultural dos Xerentes**. Naturatins, 2019. Disponível em: <https://naturatins.to.gov.br/noticia/2019/3/22/naturatins-visiteda-aldeia-indigena-xerente-para-dialogo-sobre-protecao-ambiental/>

XERENTE, P. P. G.; BILAC, D. B. N. **ICMS Ecológico: Análise do valor aplicado em terras indígenas no município de Tocantínia-To**. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v.5, n. 2 p. 210-231, mar. 2018.